A HIPERFEMINILIDADE E AS CONTRADIÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA FEMINILIDADE

Clara Botelho Martins Santos, Gabrielle Rebeca Corrêa Ribeiro, Lívia Gonsalves Toledo.

Universidade do Vale do Paraíba, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, clabotelho2005@gmail.com, gabirebeca14@gmail.com, liviagt@univap.br.

Resumo
O presente artigo objetiva analisar as contradições presentes na construção da feminilidade a partir das expressões hiperfemininas *kawaii* e *coquette*, considerando sua relação com processos de infantilização, reprodução de normas de gênero e possibilidade de apropriação e ressignificação. Para tanto realizou-se pesquisa bibliográfica, utilizando-se de revisão de literatura narrativa, com base em artigos científicos indexados em bancos de dados como o Scielo e Pepsic e Google Acadêmico. Os resultados do estudo realizado mostram que expressões de gênero hiperfemininas estão constantemente interligadas aspectos de fragilidade, infantilização e incapacidade, devido a imposições sociais históricas. Entretanto, também podem adquirir diferentes significados conforme o contexto em que são apropriadas, sendo possível que a hiperfeminidade reproduza normas tradicionais ao mesmo tempo em que possibilita formas de expressão, pertencimento e ressignificação. Desse modo, conclui-se a essencialidade da compreensão do tema para a problematização de estruturas de gênero implícitas na sociedade que, acriticamente vivenciadas, podem ter como efeito a violência e o sofrimento promovido com base nas desigualdades, no assujeitamento e na opressão.
Palavras-chave: Hiperfeminilidade. Femininilidade. Gênero. Expressão Social.

Área do Conhecimento: Psicologia Social.

Introdução

As discussões sobre os papéis e as formas de expressão da feminilidade têm ganhado espaço no século XXI, especialmente com a expansão das redes sociais, que ampliaram a circulação de diferentes formas de expressão estética. Nesse contexto, observa-se a crescente presença de estéticas associadas ao hiperfeminino e à cultura da fofura, como os universos *kawaii* e *coquete*. A estética *kawaii*, desenvolvida no contexto cultural japonês, caracteriza-se pela valorização de elementos associados à fofura, inocência e juventude (Kinsella, 1995). Já a estética coquete mobiliza elementos relacionados ao romantismo, como laços, rendas, também referenciando à juventude e inocência (Lu, [s.d.]). Essa aproximação alimenta um estigma que pode deslegitimar as escolhas estéticas de mulheres adultas, associando-as precipitadamente à imaturidade, infantilização ou regressão psicológica.

Paralelamente, determinadas formas de expressão associadas à feminilidade podem ser desvalorizadas ou consideradas inadequadas quando adotadas por mulheres adultas, especialmente quando mobilizam características socialmente relacionadas à juventude ou à infância. Diante disso, torna-se relevante questionar de que maneira elementos culturalmente associados à infância podem assumir diferentes significados quando apropriados por mulheres adultas, considerando que a feminilidade é construída e interpretada a partir de expectativas sociais relacionadas ao gênero. Assim, sua utilização não implica necessariamente infantilização ou imaturidade psicológica, podendo envolver processos de autorrepresentação, pertencimento, produção de sentido e autonomia.

A relevância deste estudo se sustenta tanto na necessidade de ampliar as discussões acadêmicas sobre estéticas hiperfemininas ainda pouco exploradas em sua relação com a experiência de mulheres adultas quanto na possibilidade de contribuir para uma compreensão mais plural da feminilidade no campo da Psicologia. Considerando que as formas de expressão feminina são atravessadas por diferentes mecanismos sociais e processos subjetivos, compreender seus significados para além de classificações normativas permite uma atuação psicológica mais atenta à diversidade das experiências e às formas pelas quais gênero, cultura e autorrepresentação se articulam. Assim, discutir as estéticas *kawaii* e *coquette* não significa apenas analisar tendências estéticas, mas refletir sobre como mulheres

adultas constroem, negociam e atribuem sentido às suas formas de expressão em contextos sociais marcados por expectativas de gênero.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, de revisão bibliográfica, cujo objetivo foi analisar as contradições presentes na construção da feminilidade a partir das expressões hiperfemininas *kawaii* e coquette, considerando sua relação com processos de infantilização, reprodução de normas de gênero e possibilidade de apropriação e ressignificação. Para a busca dos trabalhos, foram usados o Portal de Periódicos da CAPES e Google Acadêmico, contemplando publicações disponíveis nos últimos 30 anos, condizentes ao desenvolvimento histórico do tema. Foram selecionados artigos completos que discutissem a relação da infantilização de estéticas femininas e as construções sociais de gênero, excluindo-se trabalhos duplicados ou que não fossem pertinentes ao tema.

Após a seleção, os artigos escolhidos foram lidos e analisados de forma crítica, buscando identificar evidências e críticas psicossociais que contribuam para a compreensão científica do tema escolhido e para a disseminação de informações pertinentes ao assunto.

Resultados

A partir da revisão de "*Cuties in Japan*", de Sharon Kinsella (1995), foi possível identificar o contexto histórico e cultural do desenvolvimento da cultura *kawaii* no Japão. Kinsella (1995) aponta que, durante as décadas de 1970 e 1980, jovens mulheres passaram a adotar formas de expressão associadas à cultura *cute*, entre elas a *marui ji*, uma escrita arredondada acompanhada por desenhos e símbolos gráficos. Para a autora, esse fenômeno ultrapassa uma transformação estética, constituindo uma manifestação cultural relacionada às formas de expressão de jovens mulheres e à aproximação com elementos de infância, inocência e não-maturidade.

Em relação à estética *coquette*, Solar Lu ([s.d.]) identifica uma tensão semelhante entre a associação da feminilidade a elementos de juventude e inocência e a possibilidade de apropriação desses elementos como expressão e reivindicação da hiperfeminilidade. Assim, as estéticas analisadas apresentam significados que ultrapassam sua dimensão visual, estando relacionadas a diferentes formas de expressão da feminilidade.

A relação entre feminilidade, infância e aparência também aparece no trabalho de Laing (2012), que aborda a representação da "mulher-criança" na moda. A autora discute a presença de características relacionadas à juventude, inocência e delicadeza na construção das representações femininas, mostrando como esses elementos são incorporados à imagem da mulher em diferentes produções da moda. Dessa forma, características associadas à infância e à delicadeza aparecem também em contextos que não estão diretamente relacionados à cultura *kawaii*.

Os estudos analisados apresentam ainda diferentes formas de expressão da hiperfeminilidade em contextos contemporâneos. Sandall (2024), ao analisar conteúdos publicados no *TikTok* relacionados à figura da "*bimbo*", identificou performances marcadas pela utilização de elementos associados à feminilidade, à aparência, ao consumo e à sexualidade. A análise também encontrou diferentes formas de utilização desses elementos, incluindo performances que reproduzem características tradicionalmente associadas ao feminino e outras que utilizam o exagero e a performatividade como parte da própria construção da identidade apresentada.

De modo geral, os trabalhos analisados apontam para a presença recorrente de características como juventude, delicadeza, inocência, aparência, consumo e sexualidade nas diferentes representações do feminino. Também foi possível observar que essas características não possuem um significado único: aparecem tanto em representações tradicionalmente associadas às mulheres quanto em manifestações consideradas hiperfemininas. Nos estudos sobre a *girly girl* e as performances hiperfemininas, entretanto, a intensidade e a forma de apresentação dessas características aparecem relacionadas a diferentes avaliações sociais, incluindo tanto a valorização quanto a desqualificação dessas expressões.

Discussão

Historicamente, as formas de expressão femininas foram modificadas em resposta às expectativas sociais atribuídas às mulheres e aos espaços que passaram a ocupar. A literatura analisada mostra que tais transformações não aconteceram de forma linear, mas envolveram em diferentes formas de negociação e ruptura com os papéis de gênero. Nesse processo, determinadas características associadas ao feminino foram rejeitadas ou modificadas para facilitar a inserção das mulheres em espaços onde a feminilidade era associada à fragilidade ou à falta de credibilidade. De forma paralela, observa-se que houve movimentos para a ressignificação desses elementos, especialmente nos contextos nos quais a feminilidade passa a construir identidade e pertencimento. entre as mulheres.

Entretanto, a possibilidade de apropriação dessas características não elimina os sentidos socialmente atribuídos à feminilidade, fazendo com que essa escolha também possa implicar determinados custos. Kinsella (1995), ao discutir a estética *kawaii*, evidencia que a adoção de elementos associados à infantilidade e à ingenuidade não ocorre de maneira neutra, uma vez que essas características se contrapõem às expectativas relacionadas à feminilidade adulta. De modo semelhante, Rocca (2025) identifica que as manifestações contemporâneas de *girlhood* podem produzir solidariedade e pertencimento entre mulheres, mas também reproduzir processos de infantilização e desvalorização.

Essa possibilidade de ressignificação da feminilidade não é exclusiva das manifestações contemporâneas nas redes sociais. Nesse sentido, é possível estabelecer uma aproximação histórica entre as formas atuais de expressão hiperfeminina e algumas estratégias de apropriação da feminilidade presentes na Terceira Onda do Feminismo. Nesse contexto, passou-se a questionar a ideia de que elementos associados à feminilidade seriam necessariamente incompatíveis com a prática feminista, permitindo que símbolos como maquiagem, moda e outros elementos tradicionalmente relacionados ao feminino fossem apropriados de maneira lúdica, irônica ou subversiva (Snyder, 2008). Entre essas manifestações, destaca-se o movimento Riot Grrrl, surgido na década de 1990, que articulou feminismo, música e estética como formas de resistência. Algumas de suas expressões utilizaram elementos associados à feminilidade e à infância para tensionar expectativas sobre o comportamento feminino e questionar normas de gênero (Rollins, 2023). Dessa forma, a presença contemporânea de elementos considerados “infantis” ou excessivamente femininos não precisa ser compreendida necessariamente como regressão ou passividade, podendo também constituir uma forma de apropriação e ressignificação da feminilidade.

Essa discussão pode ser compreendida também a partir de Butler (2018), para quem o gênero não é uma identidade fixa ou uma característica natural. Ele é construído e mantido por meio da repetição de práticas e normas sociais. Assim, a feminilidade não deve ser entendida como um conjunto de características naturalmente pertencentes às mulheres, mas como uma construção que se forma por meio dessas práticas. Nesse sentido, a hiperfeminilidade não possui um significado único, pois os sentidos atribuídos a ela dependem das normas sociais e do contexto em que é expressa.

A tensão em torno dessas manifestações também parece estar relacionada à finalidade atribuída à performance feminina. Embora determinadas formas de feminilidade tenham sido historicamente construídas em relação à desejabilidade e à aprovação masculina, as expressões hiperfemininas contemporâneas analisadas na literatura não se orientam necessariamente por esse mesmo propósito. Em diferentes contextos, a estética pode ser utilizada como forma de expressão individual, identificação com outras mulheres ou pertencimento a determinados grupos. Rocca (2025) aponta, nesse sentido, que a *girlhood* pode constituir um espaço de reconhecimento e construção coletiva, ainda que as mesmas representações estejam sujeitas a apropriações que reproduzem expectativas patriarcais. A questão acerca da hiperfeminilidade, portanto, não se restringe à aparência adotada, mas envolve também a finalidade e o contexto em que essa performance é produzida.

Essa mudança de finalidade se torna particularmente relevante diante das expectativas tradicionalmente associadas à feminilidade. Se atributos como delicadeza, discrição e submissão foram utilizados para posicionar as mulheres em uma condição de menor autoridade, a intensificação desses mesmos elementos pode assumir um sentido distinto quando utilizada para ocupar e reivindicar espaços. Francis *et al.* (2017) discutem a hiperfeminilidade a partir de uma postura de maior visibilidade e afirmação, em contraste com a expectativa de que mulheres reduzam sua presença para serem socialmente aceitas. A presença crescente de mulheres que mantêm elementos hiperfemininos enquanto ocupam espaços acadêmicos e profissionais tensiona, portanto, a associação entre

feminilidade e incapacidade. Nesse movimento, a mulher não precisa abandonar sua aparência para demonstrar competência, o que desloca a própria expectativa sobre quais características seriam compatíveis com autoridade e conhecimento.

Essa discussão também pode ser compreendida a partir de Butler (2018), que questiona a ideia de que o gênero seja uma escolha totalmente livre ou, ao contrário, que sua construção social elimine qualquer possibilidade de mudança. As formas de expressão são produzidas dentro de normas existentes, mas podem assumir diferentes sentidos quando são utilizadas em outros contextos. Desse modo, mulheres que mantêm características hiperfemininas ao ocupar espaços ligados à autoridade e à competência não estão necessariamente fora das normas de gênero, mas podem questionar os significados tradicionalmente associados a essas características.

É nesse ponto que a pergunta sobre para quem a hiperfeminilidade se dirige ganha relevância. Se, em determinados contextos, a aparência feminina foi construída para corresponder às expectativas masculinas e sociais mais amplas, sua apropriação contemporânea por mulheres para fins de expressão, identificação ou pertencimento desloca parcialmente essa finalidade. Contudo, esse deslocamento não garante que a sociedade também altere sua interpretação sobre essa mulher. A permanência de uma estética tradicionalmente associada à feminilidade pode continuar sendo utilizada para classificá-la como fútil, frágil ou pouco competente, mesmo quando sua atuação contradiz essas expectativas. Assim, o que parece estar em disputa não é apenas a possibilidade de a mulher escolher sua aparência, mas a possibilidade de que essa escolha deixe de determinar antecipadamente o lugar social que lhe é atribuído.

Diante disso, a hiperfeminilidade pode ser compreendida como uma expressão que se desenvolve em constante negociação com as normas que definem o feminino. Sua retomada não representa necessariamente um retorno aos modelos tradicionais de feminilidade, assim como sua apropriação pelas mulheres não implica a completa superação das estruturas que os constituíram. Como aponta Wolf (1992), a aparência permanece um importante campo de regulação da experiência feminina, fazendo com que diferentes formas de apresentação sejam acompanhadas por expectativas e julgamentos sociais. Assim, mais do que determinar se a hiperfeminilidade é uma expressão de submissão ou de emancipação, torna-se necessário considerar as condições em que ela é produzida, os sentidos atribuídos a ela e os espaços nos quais é legitimada ou questionada. Nesse movimento, a hiperfeminilidade revela as próprias contradições do feminino no cotidiano, ao mesmo tempo em que pode reproduzir signos historicamente associados às normas de gênero, também pode ser apropriada como forma de expressão, pertencimento e ocupação de espaços sem que a mulher precise abandonar aquilo que a sociedade reconhece como feminino.

Conclusão

O presente artigo visou desenvolver e estudar os aspectos referentes a expressão da hiperfeminilidade, considerando a sociabilidade que a rodeia e como impactam na construção do feminino. Com isso, esse estudo permitiu retirar as ideias do campo de senso comum e expandi-las para uma análise mais integra do assunto, contribuindo para a compreensão dos mecanismos e ideais que permeiam a construção da expressão de gênero e sua relevância social.

Logo, a partir da pesquisa literária realizada, foi possível compreender os movimentos e características da cultura hiperfeminina como aspectos não redutíveis apenas a condição de resistência social ou expressão de gênero, visto que ao se tratar de expressão e subjetividade humana, não é cabível resumir-se a uma definição específica. Assim, entende-se as estéticas hiperfemininas como meios de expressão pluralizadas que transpassam por entre definições generalizadas do tema, negociando com padrões e normas de gênero de modo a transformar-se dependendo do ambiente em que apresenta.

Nesse sentido, compreende-se que a expressão de gênero não é fixa, sendo construída e mantida por meio de normas e práticas sociais. Dessa forma, a hiperfeminilidade pode reproduzir aspectos tradicionalmente associados ao feminino e, ao mesmo tempo, assumir novos sentidos a partir de sua apropriação pelas mulheres. Isso reforça a necessidade de compreender essas expressões considerando o contexto em que são produzidas, sem classificá-las de forma definitiva como submissão ou resistência.

Desse modo, o estudo realizado contribuiu para uma compreensão mais contextualizada do fenômeno, considerando aspectos estruturais e históricos quais contribuíram diretamente para a

expressão feminina de gênero a qual é vista atualmente. Com isso, conclui-se que as expressões de gêneros se relacionam diretamente com sua trajetória, sendo brevemente reescritas a partir das mudanças e estruturas geracionais impostas socialmente.

Referências

BUTLER, J. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. 16. ed. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2018.

FRANCIS, B. *et. al*. Femininity, Science, and the Denigration of the Girly Girl. **British Journal of Sociology of Education**, v. 38, n. 8, p. 1097–1110, 2017. DOI: 10.1080/01425692.2016.1253455.

KINSELLA, S. Cuties in Japan. In: MOERAN, B.; SCOV, L. (eds.). **Women, Media and Consumption in Japan**. Richmond: Curzon, 1995.

LAING, S. The Childlike Woman: Fashion and the Infantilisation of Femininity. 2012. Trabalho acadêmico — **University of the Arts London**, London, 2012.

LAURETIS, T. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, H. B. (org.). Tendências e Impasses: o Feminismo Como Crítica da Cultura. Rio de Janeiro: **Rocco**, 1994. p. 206–242.

LU, S. The Coquette Aesthetic: Infantilization or Reclamation of Hyperfemininity? **Fashion at Brown**, [s.d.]. Disponível em: https://www.fashionatbrown.net/about-4-4. Acesso em: 15 ago. 2026.

ROCCA, N. I'm Just a Girl in the World (That's All You'll Let Me Be): Exploring Young Women's Perceptions of Hypersexualization and Infantilization Within Experiences of Girlhood. **Women's Studies International Forum**, v. 114, 103235, 2026. DOI: https://doi.org/10.1016/j.wsif.2025.103235.

ROLLINS, M**.** The Ugliness Movement: Riot Grrrl's Use of Ugliness as Feminist Subversion. **The Purdue Historian**, v. 11, n. 1, 2023.

SANDALL, H. #BimboTok: A Critical Discourse Analysis of Hyper-feminine Bimbo Identities on TikTok. **Media International Australia**, v. 193, n. 1, p. 65–79, 2024. DOI: 10.1177/1329878X241280235.

SNYDER, R. C. What is Third-Wave Feminism? A New Directions Essay. Signs: **Journal of Women in Culture and Society**, v. 34, n. 1, p. 175-196, 2008. DOI: 10.1086/588436.

WOLF, N. O Mito da Beleza: Como as Imagens de Beleza São Usadas Contra as Mulheres. Rio de Janeiro: **Rocco**, 1992.